

Aproximações extensionistas com refugiados e migrantes: uma experiência em educomunicação¹

Raisa Toledo Baptista²
Universidade Federal do Paraná

Daniel Tozzi Mendes³
Universidade Federal do Paraná

Mariah Eduarda Colombo⁴
Universidade Federal do Paraná

Jéssica Skroch⁵
Universidade Federal do Paraná

Resumo

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), tem como pilares práticas de educomunicação e comunicação popular. Atua em contextos de vulnerabilidade social ou que necessitam de meios de comunicação alternativos. O núcleo, criado em 2003, apresenta-se como uma possibilidade de democratização da comunicação, propondo a emancipação de grupos sociais. Desde 2016, desenvolve um trabalho junto a migrantes residentes em Curitiba. Inicialmente, as atividades tinham o formato de conversas com o grupo. Hoje, constituem-se de oficinas com o objetivo de produzir material audiovisual ou textual dos migrantes em parceria com participantes do NCEP. Os produtos comunicacionais desenvolvidos refletem as perspectivas do público-alvo e nasceram das necessidades apontadas por ele.

Palavras-Chave

Educomunicação; Comunicação; Imigração; Refugiados

Introdução

Com o aumento do fluxo migratório ao Brasil, surgiu a necessidade de criar projetos que contribuam para a inclusão social de refugiados e migrantes. Ações têm sido desenvolvidas em várias universidades do país visando a recepção desses grupos. Apesar deles serem recebidos no Brasil, as condições de trabalho, moradia, saúde e educação os mantêm em estado de vulnerabilidade. Pessoas vindas do Haiti, Venezuela, Argentina, Síria, Congo e Nigéria, entre outros países, encontram desafios que apontam falhas nas políticas de acolhimento, de modo que a situação dos refugiados e migrantes escancara a necessidade de uma outra estrutura e de um novo olhar.

O presente trabalho surgiu da disposição dos integrantes do NCEP em desenvolver os conceitos de educomunicação e comunicação popular junto a esses grupos. A partir de 2016, passaram pelo projeto cerca de dez estudantes de Comunicação Social da UFPR. A princípio, acompanharam algumas aulas do Curso Instrumental de Língua Portuguesa oferecido a imigrantes haitianos em três escolas municipais da periferia de Curitiba, nos bairros do Cajuru e Sítio Cercado. Hoje, acompanham aulas de Português do

projeto Português para Migração Humanitária (PBMIH) dentro da própria universidade. Realizam oficinas em espaços de tempo cedidos pelas professoras, e as planejam em conformidade com o conceito pedagógico da “Porta Giratória”, desenvolvido pelo PBMIH. Como as turmas não são estáveis (o grupo de quem as frequenta muda a cada semana) cada encontro deve ter começo, meio e fim, abrindo mão da continuidade de conteúdo entre uma aula e outra.

Nas escolas municipais atendidas pelo NCEP, cerca de 60 haitianos eram contemplados pelas atividades, e 20 migrantes participam atualmente das aulas de Português, a cada sábado, na Reitoria da UFPR.

Primeira experiência

O contato inicial com os haitianos se deu em meio a dificuldades. Os migrantes demonstraram baixa adesão à proposta do núcleo, o que levou o NCEP a rever sua metodologia. Passou-se para dinâmicas de grupo e criação de vínculo, partindo de conversas sobre situações corriqueiras da vida de um recém-chegado e tradução das discussões para o francês (um dos idiomas oficiais do Haiti), o que facilitou a compreensão. Os resultados começaram a aparecer.

Em alguns momentos ocorreram conflitos, em situações em que havia desabafo de algum dos participantes, ao falarem dos familiares que ficaram no Haiti, de experiências de preconceito racial e de classe e, sobretudo, dada a dificuldade em conseguir emprego. A atitude dos membros do núcleo foi de escuta e de oportunidade de captar informações sobre o modo de vida e estado de espírito dos haitianos.

Após dois meses de escuta e aproximação, as visitas às escolas resultaram na formulação de um website, o “Fala Haiti”. A escolha pelo suporte site nasceu de pesquisas informais junto aos haitianos, que apontavam a eficiência desse meio. O site teve como carro chefe a produção de três vídeos, que apresentam sonhos, desafios e expectativas, além de facilitar o contato com a língua portuguesa.

O primeiro audiovisual, “O Haiti está aqui”, foi inspirado na linguagem da videomaker Sandra Kogut, desenvolvida na série *Parabolic People*. Propõe uma alternativa ao olhar dos meios de comunicação em geral, focados na tragédia do Haiti. No lugar, uma abordagem na linha “reportagem de interesse humano”, com toques de humor e preocupação com o futuro. A produção apresenta as dificuldades em se encontrar emprego, a saudade e complicações relacionadas à convivência com uma nova cultura, assim como frio curitibano – um peso a mais para os haitianos. Os dois outros vídeos são pilotos, com finalidade de servir de apoio às aulas de Língua Portuguesa. Nas produções, as palavras “vida” e “trabalho” são apresentadas em seus diferentes contextos e significados. Na linha do curta *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado, cada um dos termos ganha desdobramentos poéticos, semânticos e políticos.

Nos demais momentos de convivência com os imigrantes foram realizadas dinâmicas capazes de aumentar o vínculo com os membros do NCEP, melhora na performance no uso do idioma, pequenas entrevistas, dentre outras atividades que permitiram identificar necessidades para o aprendizado da língua.

O empenho colaborou para identificar palavras com pronúncias similares, mas com significados diferentes; termos estranhos à realidade haitiana; gírias ou expressões típicas, a serem esclarecidas (FREIRE, 1976).

O website veio para servir de suporte à ambientação dos imigrantes que por aqui chegam e servir de canal de comunicação para os próprios haitianos, entre si e com os familiares que permanecem no país. É uma ferramenta de consulta para eventuais dúvidas que os haitianos tenham sobre assuntos como o mercado de trabalho, ou até mesmo como fazer um cartão de transporte. Trata-se de criar um espaço para que os migrantes não apenas dominem as plataformas tecnológicas, mas façam uso social delas (MARTÍN-BARBERO, 2011).

Oferecer a esses cidadãos um espaço na internet e, mais do que isso, um espaço de escuta, é essencial para desconstruir uma imagem comum sobre o grupo de migrantes, por vezes reduzidos à sua diáspora. Segundo o pesquisador Ismar Oliveira Soares (2011), é por meio de projetos que aliam a comunicação e a educação que surge uma maior possibilidade de contribuir para a criação de ecossistemas comunicativos, tornando possível o diálogo e a reflexão.

A educomunicação opta pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo para que as normas que regem o convívio passem a conhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino (SOARES, 2011). Foi assim nos encontros com os haitianos. Criou-se um vínculo entre os membros do núcleo e migrantes, com o reconhecimento da importância das suas histórias de vida, de modo a quebrar as barreiras entre os agentes do processo.

Momento atual

Com a mudança de gestão da prefeitura no início de 2017, ficou comprometida a continuidade do projeto do Curso Instrumental de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação. Os integrantes do NCEP se viram estimulados a buscar uma alternativa, por meio do programa de extensão PBMIH (Português Brasileiro para Migração Humanitária), da UFPR, que integra o Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB). Graças a essa parceria, estudantes e professores de cursos como Letras, Psicologia, Direito, História e agora Comunicação Social ministram aulas de Português, Informática e História, e prestam assistência jurídica e psicológica a migrantes e refugiados. De acordo com dados da Pastoral do Imigrante da Arquidiocese de Curitiba, só os migrantes vindos do Haiti somariam 2 mil pessoas.

O nome do site teve de ser alterado, assim como sua dinâmica – de modo a atender a mudança do perfil do público, que passa a incluir refugiados em geral e venezuelanos. Os alunos do PBMIH apresentam maior domínio da língua, e, no geral, maior escolaridade e estabilidade financeira em comparação com os que frequentavam as aulas nas escolas municipais em 2016. A partir da parceria firmada com o projeto PMUB, as atividades realizadas pelo NCEP se concentram na produção de

conteúdo para¹ o website “Migrashow”⁷, reformulação do primeiro endereço, “Fala Haiti”. A nomenclatura “Migrashow” foi definida pelos próprios migrantes, que, em um processo horizontal escolheram o nome da ferramenta com a qual tendem a interagir.

Nesta nova etapa, a dinâmica das aulas de Português foi alterada em função da presença do NCEP. Os alunos auxiliam as professoras na sala de aula, em atividades curriculares comuns. Após, há um tempo reservado para o núcleo realizar atividades ligadas à comunicação. Até o momento, foram executadas oficinas de fotografia e a gravação de dois vídeos, assim como edição do material produzido nas oficinas, que será colocado no site. Na oficina de fotografia, colocou-se em discussão com os migrantes de que maneira a imagem pode contar uma história e seus significados. Na sequência, o debate girou em torno do enquadramento fotográfico. Os alunos vinculados ao PBMIH tiraram suas próprias fotos, produziram título, legenda e descrições sobre que sentimentos aquela imagem evocava. A oficina explorou, assim, linguagem e ludicidade. As fotos e suas descrições estão no site Migrashow.

Uma das gravações de vídeo aconteceram na festa junina realizada pelo PBMIH, no encerramento do primeiro semestre letivo de 2017. Perguntou-se aos migrantes de onde eles vinham, quanto tempo estavam no Brasil, quais aspectos mais admiravam no novo país e suas experiências como recém-integrados a outra cultura. A ideia era desmistificar representações sociais que remetem apenas às tragédias, crises e conflitos dos países de origem, práticas comuns nos meios de comunicação (MORAES, 2006).

No novo vídeo que está sendo produzido, os migrantes ensinarão outros migrantes a fazer um currículo profissional. O núcleo planeja que o produto audiovisual promova a “inserção das pessoas num processo de comunicação, no qual possam se tornar sujeitos do seu processo de conhecimento, onde elas podem educar-se através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade” (PERUZZO, 2002). A intenção é manter sempre a ligação entre o conteúdo linguístico, ministrado em aula pelas professoras de Português, isto é, vocabulário, gramática e afins com a proposta educacional do NCEP.

Considerações do grupo

Ao longo dos quase quatro semestres de trabalho junto aos migrantes, o Ncep passou por experiências, avanços e descobertas. Durante as conversas com haitianos, por exemplo, foi perceptível que eles não se sentem representados ou contemplados nos meios de comunicação, tanto no nível pessoal como no nível grupal e organizacional.

⁷ Link para o site, que passa por transição para novo layout: <https://migrashow.wixsite.com/ncep>

O endereço do site antigo, que terá os conteúdos passados para o novo é: <http://migrashow.wixsite.com/meupaisesupais>

As atividades não têm mais o mesmo foco do início. Antes, em um primeiro contato, não havia a relação com a comunicação, uma vez que o grupo de refugiados haitianos se mostrava majoritariamente formado por recém-chegados, com necessidades mais imediatas, como emprego, moradia e o aprendizado da língua. Hoje, com as oficinas do PBMIH na turma do pré-intermediário, tornou-se mais fácil trabalhar a temática da comunicação e obter mais resultados durante as conversas e oficinas.

Dentro da proposta do projeto, os membros que participam ativamente da execução dos trabalhos se reúnem e compartilham suas experiências individuais acerca de cada uma das visitas. Nestas oportunidades, portanto, os alunos da UFPR, juntamente com o coordenador do programa, discutem os resultados, os sucessos e as dificuldades encontradas nos métodos de abordagem, nas entrevistas com os imigrantes e até mesmo na discussão a respeito das expectativas e dos próximos passos a serem seguidos pelo projeto.

-Referências bibliográficas

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação.** São Paulo: Contexto, 2011.

MORAES, Denis de. **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo: Paulinas, 2011.

PERUZZO, Cecilia M. K. Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania, **Comun. Inf.**, v. 2, n. 2, p. 205-228, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/22855/13596> . Acesso em: 03 out. 2017.